

Alberto Durer

Diz-se que Alberto Durer seria o mais consummado pintor se tivesse nascido em Italia, séde das bellas-artes, e se tivesse podido estudar em Roma os quadros mais notaveis da antiguidade. Seu pae, distincto ourives em Nuremberg, man-

dou-o aprender a arte de desenho, na qual fez tão rapidos progressos que seu pae e seus mestres desde logo viram n'elle uma aptidão, cujas aspirações não poderiam circumscrever-se aos limites da ourivesaria.

O melhor pintor de Nuremberg recebeu Alberto Durer no seu *atelier* e ensinou-o a pintar e gravar sobre madeira. Depois o joven artista percorreu a Allemanha, os Paizes-Baixos, visitou Veneza, Colmar, Bâle, aperfeiçoando-se sempre, e voltando a Nuremberg esposou, por deferencia a seu pae, a filha de um habil mechanista. Foi esta *boa* mulher, com o seu genio colerico e má indole, que o atormentou até á morte.

O talento de Alberto Durer assignalou-se, n'este tempo, com bellas composições, entre as quaes se citam os seguintes quadros: S. João Baptista, a Virgem Maria, a Adoração dos Magos e o seu proprio retrato.

Alguns annos mais tarde, tornou a Veneza, aonde produziu grande sensação e ahi executou um quadro representando S. Bartholomeu, que Rodolpho, imperador d'Allemanha, lhe comprou e remetteu para Praga. A reputação de que gosava era já consideravel, porém, desde esta data tornou-se européa. Regressando a Nuremberg, produziu um sem numero de primores, de que os principes se disputavam a posse. Os principaes soberanos apressaram-se a fazer reproduzir os seus retratos por este grande artista, ao qual tributavam admiração. Carlos Quint e Maximiliano conferiram-lhe o titulo de primeiro pintor da sua côrte; e o primeiro d'estes principes honrou-o até dando-lhe um brasão, e Fernando, rei de Bohemia e de Hungria prodigalisou-lhe mil testemunhos de interesse e distincção.

O grande merito de Alberto Durer e a reputação de que gosavam as suas produções, crearam-lhe numerosos inimigos; mas a placidez de character e a nobreza de sentimentos de que era dotado conciliava a affeição dos personagens com a dos burguezes, que se tratavam em intimidade com elle. Conservaram uma parte da sua correspondencia, na qual vimos que, no meio de todas as honras e distincções, tão lisongeiras ao seu amor proprio, Alberto Durer não era feliz.

Para demonstrar aos nossos leitores o merito d'este insigne artista, basta dizer que Raphael ornava religiosamente o seu gabinete de todas as estampas, que Alberto Durer tinha gravado e que este lhe mandava.

Alberto Durer era ao mesmo tempo grammatico, mathematico, engenheiro, esculptor, pintor, gravador, etc. Primeiro ensinou aos seus compatriotas as regras da perspectiva e das proporções nas artes. Inventou a gravura a *claro-escuro* e a *agua-forte*, e deve-se-lhe o primeiro tratado que appareceu em Allemanha sobre a arte de fortificações.

O numero das produções de Alberto Durer é immenso. Os retratos são admiraveis pela similitude e as paisagens são verdadeiros modelos que encantam. O seu quadro mais importante é o que representa *Jesus-Christo na Cruz* circumdado de uma gloria. Ao baixo d'esta figura principal está um grupo de papas, cardeaes, e imperadores, aos quaes se juntou Alberto Durer, segurando um retabolo em que se lê o seu nome.

As composições d'este artista tornaram-se notaveis pela firmeza e correcção; mas peccavam algumas vezes pela falta de graça.

Quando Alberto Durer falleceu o luto foi geral não só na sua patria mas em todo o mundo artistico. Nascido a 20 de maio de 1471, succumbio a 6 d'abril de 1528. Se não foram as imper-

tinencias com que sua *excellente* consorte o torturou constantemente, a sua vida teria sido mais longa, e por ventura mais agradável, honrado como foi pelos principaes monarchas, e considerado sempre em todos os paizes que visitou.

UM LOGRO EM PINTURA

As anedotas gentis que adornam as paginas interessantes da historia das artes, são o recamo gracioso que entresacha a tella dos seus prodigios.

Talvez de todas as artes seja a pintura aquella em que haja mais a admirar, e onde o espirito encontre mais pontos de repouso da contemplação do sublime, por um sem numero de successos e lances, que tornam os seus fastos um variegado matiz. D'um d'estes lançaremos hoje mão, para entretermos um pouco de pesado ocio.

Corria o seculo XVI. Do cahos da idade media tinha brotado o germen de muita coisa grande. As artes tocavam o seu apogeo. A pintura foi talvez a que mais cedo chegou ao zenith da perfeição. Quando Rafael se envolvia na mortalha, e descia á campa, deixando após si um rasto de luz deslumbrante, ainda não haviam rompido o horisonte os dois astros da poesia moderna, Camões e Tasso. Dos ensaios de Cimabúe e Giotto, tinham brotado Perugino e Leonardo de Vinci. Enquanto os poetas mal atinavam ainda com os sons da harpa antiga, fazia Van-Eick (1) uma revolução completa na muda poesia, e Antonio de Messina roubando-lhe arteiramente o segredo da pintura a oleo (2), que havia de custar ao seu discipulo Beccafumi alguns dias de existencia (3),

(1) João Van-Eick, ou João de Bruges nasceu em 1370, e morreu em 1441. — Este chefe da escola flamenga era muito inclinado á chimica. — Tendo inventado um verniz que applicava ás suas pinturas, e sendo-lhe necessaria a acção prolongada do sol para o seccar, succedeu-lhe uma vez abrir-se em duas a taboa onde pintára um quadro. Desgostoso, procurando a maneira de remediar este mal, ou de fazer com que os seus quadros seccassem sem ser por aquelle meio, entregou-se ao estudo dos oleos, e reconhecendo que as cores se combinavam melhor por meio dos oleos, do que por intermedio da colla, ou clara d'ovo usadas até então, descobriu a pintura a oleo. Os pintores do seu tempo almejavam o conhecimento de tal descoberta, mas elle guardou-a sempre com o maior mysterio.

(2) Antonio de Messina, pintor italiano, nasceu por 1400. Vendo alguns quadros da nova maneira de pintar em Napoles, ardeu nos mesmos desejos dos demais pintores. Pensa logo nos meios de descobrir o segredo. Compra bons desenhos dos melhores mestres, e voa a Bruges. Trava relações com Van-Eick, encobrendo a sua profissão. Dá-se como grande amador, e estreitando de dia em dia a sua familiaridade com o artista, em prova do seu bom gosto e amisade, presentea-o com os bons modelos que trouxera. — Vencido por tantas provas d'amisade, Van-Eick deu-lhe entrada em seu gabinete, o que lhe permittiu descobrir o que desejava. Antonio de Messina voltando em breve á Italia começa a praticar, guardando o seu descobrimento com o mesmo segredo.

(3) Domingos Macarino, ou Mecherino, guardava ovelhas, entretendo-se em gravar sobre bocados d'ardosia algumas figuras. Encontrado n'este exercicio por um burguez de Sienna, chamado Beccafumi (em agradecimento do que tomou o seu appellido), este o trouxe para casa, e o mandou ensinar a pintura. Antonio de Messina aperfeiçoando-o, ensinou-lhe o seu segredo confiado na bondade do seu coração. Por esta mesma qualidade Beccafumi o communicou a André del Castagno, que o cercava de affeições só com a mira n'este dese-

completa o progresso da arte, pela divulgação que d'esse segredo (tambem arditosamente colhido) fez aos artistas; o veneziano João Bellini, (4).

Assim as duas escolas rivaes do norte e do sul, isto é, a flamenga e italiana, tinham caminhado com passo firme e decidido pela estrada da gloria, e do seio da immortalidade já lampejava com fulgor inimitavel o sol da arte, o grande Rafael Sanzio d'Urbino. Este grande artista, cuja belleza corporal imitava a belleza do seu pincel, succumbira na idade de trinta e sette annos, no mesmo dia e hora em que havia nascido, deixando o mundo pasmado do poder do seu genio.

Seus quadros, procurados por todo o mundo, chegaram, em algumas partes, a receber um culto excepcional. No tempo do papa Julio II mostravam-se apenas em dias festivos, dois que se achavam n'uma igreja de Roma. Quando falleceu (sucesso que cobriu Roma de lucto) junto ao seu feretro, depositado na salla onde costumava trabalhar, collocaram a sua obra prima, o quadro da *Transfiguração*. Não podia lavrar-se epitaphio mais eloquente!

Preços fabulosos recompensavam as obras do grande artista, e até as mesmas copias tiradas por outros pintores. O Vaticano é a galeria dos seus primores, e pensar que houve um papa assás bronço, que teve o intento de privar Roma do seu mais bello florão, e se atrevia a chamar aos quadros do divino Rafael — *porcheria!* . . . (4)

O melhor retrato que existe do papa Leão X, é de Rafael. Neste quadro pintou o artista o papa, entre os cardeaes Julio de Medicis e de Rossi (6): comtudo só as cabeças são do pincel de Rafael, as roupagens saíram da palheta do Julio Romano, seu discipulo, e um dos maiores pintores da escola romana.

Coube á Athenas de Italia, que abrigou em seu seio as reliquias das artes e sciencias foragidas do Oriente, a essa nova patria das lettras e das artes, d'onde havia irradiar o clarão, que se ia diffundir pela Europa em torrentes de luz, coube a Florença, á poetica cidade, hoje capital da jo-

jo, vindo por fim a habitarem a mesma casa. A avidez com que o fementido André procurara haver o segredo, o levou á avareza de querer gosar só do seu lucro. Espera uma noite Beccafumi, assassina-o longe de casa, e recolhe-se sem poderem suspeitar d'elle. D'ali a pouco recebe em seus braços traidores o ensanguentado e moribundo amigo, que n'elles expira! . . . O seu crime ficaria ignorado, se depois de viver muitos annos em grande credito, o remorso não lh'o fizesse confessar á hora da morte. Beccafumi morreu em 1549, de 65 annos.

(4) João Bellini nasceu em 1422, era irmão de Gentil Bellini. Conseguiu enganar Antonio de Messina, apresentando-se-lhe como gentil-homem veneziano, para se retratar. Antonio não suspeitando do artil retratou-o, e Bellini examinando com olho attento o processo do pintor, voltou d'ali a ensaiar-o, e tendo sido bem succedido, publicou generosamente o segredo a toda a Italia. Morreu em 1512 já mui velho.

(5) Foi Bento XIII eleito em 1724. Estava este papa, que dizia taes acertos, resolvido a mandar apagar as pinturas de Rafael no Vaticano, para mandar pintar em seu lugar, a historia de dois santos, que acabava de canonisar! A custo cedeu, ás instancias dos cardeaes, de tão intelligente proposito!

(6) Este retrato foi reproduzido pela gravura no n.º 4 do *Panorama* do anno de 1866, a cujo proposito se escreveu o presente artigo.

ven Italia, que se debruça recamada de flores no cristalino espelho do Arno, a sorte de possuir aquella obra magnifica, e que ella venerava e cuidava como o seu melhor thesouro.

Passou, porém, uma vez pela cidade o duque Frederico II de Mantua, indo visitar o papa Clemente VII. Entre as curiosidades que viu e notou na sua viagem, a que mais o encantou foi o retrato de Leão X de que fallámos. De noite, de dia, durante a sua jornada, a todo o momento lhe sobresaltava a imaginação aquella bella pintura; seu desejo, desde que a viu, era possuil-a: mas como? Se elle talvez balançasse entre o sceptro do imperio da Alemanha, e aquella maravilha; se elle, possuindo-a, não a daria por preço algum, como? porque preço a poderia obter?

Emfim, cheio d'estas idéas chegára a Roma, beijára o pé ao papa, uma das supremas glorias cá da terra, e fallando do que lhe excitou a curiosidade na sua viagem, já se sabe, que logo encareceu o gosto que lhe dera o retrato de Leão X, mostrando o ardente desejo de o ver em seu paço. Taes coisas disse, tanto encareceu o prazer que teve ao vel-o, tanto a pena de o não possuir, que o papa lhe fez presente d'elle. Escreveu immediatamente a Octaviano de Medicis, que enviasse o quadro para Mantua, fazendo-o primeiramente emmoldurar. Octaviano sobresaltou-se, tremeu de desconsolo, mas não podia resistir áquella ordem. Comtudo, privar Florença do seu mais bello ornamento, era uma idéa que lhe torturava a alma. Alguns dias andou cuidadoso e afflicto com semelhante idéa, quando de repente lhe occorreu um pensamento. Vivia então em Florença um dos seus mais mimosos pintores, André del Sarto, assim chamado por ser filho d'um alfaiate, e nascido em 1488. Guiado só pela natureza, modesto e timido tinha começado trabalhando muito, e tirando pouco lucro das suas obras. Uma *Sacra Familia* revelára os seus grandes talentos. Havia passado a França, onde fôra muito estimado de Francisco I, que, julgando podel-o reter para sempre, o encherá de beneficios. Del Sarto era casado, amava em extremo sua esposa, e ravalavam-lhe a alma os zelos, pelas seducções em que sua consorte poderia cair em Florença, onde se achava. Tentou voltar á patria; Francisco I consentiu (promettendo o pintor tornar para França) encarregando-o ao mesmo tempo de lhe comprar na Italia boas obras d'arte, para o que lhe entregou quantiosa somma, além do que lhe dera para elle. Cego e vaidoso de mostrar aos seus concidadãos, a sua consideração, Del Sarto affectou um luxo extraordinario, e não lhe bastando só o que possuia, desbaratou a somma que lhe fôra confiada. Este successo impediu-lhe o voltar a França, vivendo o resto de seus dias miseravelmente. «Foi o maior colorista da escola de Florença, e as suas obras conservam ainda hoje um brilho singular.» (7) Os florentinos tal estima lhe tributavam, que no mais cerrado das suas dissen-

(7) Garrett — *Retra'o de Venus*, pag. 115 — *Ensaio sobre a historia da pintura*.

sões civis, não respeitando igrejas, nem as coisas mais sagradas, todos os partidos pouparam o mosteiro de S. Salvador, só por consideração aos seus quadros, que ali se achavam.

Octaviano lembrou-se, pois, d'este grande artista; enviou a chamal-o, e quasi com as lagrimas nos olhos lhe propõe tirar-lhe uma copia do quadro de Rafael. O artista accitou o convite, e entregou-se com affan e gosto ao trabalho. Instado pelo papa, Octaviano respondeu que era necessario concluir a moldura, para ir tudo a seu gosto; e enquanto com estes e outros pretextos illudia o papa, concluia com toda a felicidade Del Sarto a sua copia, por tal modo, que até imitára as pequenas nodoas, que já se notavam no quadro. Em pouco tempo estava a obra prompta por maneira tal, que para Octaviano e os mais se não enganarem e confundirem, foi mister pôr um signal no reverso do quadro de Del Sarto. Finalmente, foi enviado o quadro para Mantua perfeitamente acondicionado, recebendo-o o duque com as maiores demenstrações de jubilo, e mandando-o collocar em sítio conveniente do palacio, e com distincção, fazendo com isso ao mesmo tempo grande honra a Julio Romano, que então se achava ao seu serviço, e que de nenhuma maneira (coisa notavel!) percebeu o engano!

Passado tempo, viajando o Vasari (pintor mediocre, bom architecto, mas muito curioso, e que prestou um bom serviço á Italia e á arte, com as «Vidas dos pintores, escultores e architectos» que publicou em 1550, e em 2.ª edição em 1568), chegou a Mantua. Ahi foi mui bem recebido por Julio Romano. Julio Romano (Julio Pippi) nasceu nos Estados Romanos em 1492. Foi discipulo de Rafael. Depois de se ter distinguido e elevado em Roma, caiu na fraqueza de desenhar as estampas com que saíram illustrados os sonetos licenciosos do Aretino, gravadas por Marco-Antonio: foi preso, e escapando do ultimo supplicio pelo valimento do Cardeal de Medicis, e outras pessoas illustres; depois de andar homisiado e escondido algum tempo, para escapar-se á perseguição da justiça romana, procurou refugio na cõrte de Mantua, que enriqueceu com o seu talento. Os mantuanos são-lhe além d'isso devedores d'um excellente dique, que traçou e fez construir, para oppor uma barreira ás frequentes innundações do Pó, que ameaçavam destruir a cidade.

Tendo Julio Romano mostrado todas as curiosidades do palacio ducal ao diligente collega, disse-lhe que lhe ia mostrar o mais precioso. Levou-o então junto ao retrato de Leão X, dizendo-lhe: «Eis o que ha aqui de melhor, é obra de Rafael!» O Vasari depois de ter considerado algum tempo o quadro com attenção, respondeu-lhe, que effectivamente aquella era uma bella obra, mas não era de Rafael. «Zombaes?! exclamou Julio, quereis dizer-me não ser isto obra de Rafael?» Como? não conhecerei eu acaso os toques do meu pincel?» — «Estaes perfeitamente enganado, replicou o Vasari, eu mesmo vi com meus proprios olhos pintar este quadro em Florença por

André del Sarto: e para prova de verdade, virae-o, que deve ter no reverso um signal, que se lhe fez para o não confundirmos com o original.» Virado o quadro, achou-se effectivamente o signal, que confirmou a assersão do Vasari, e desenganou Julio Romano, o qual tendo ouvido d'aquelle a historia da copia ficou um pouco de tempo suspenso, e contemplando o quadro, exclamou: «Não ha duvida, mas por isso mesmo o estimo ainda mais que se fosse do proprio Rafael, porque é extraordinario poder illudir assim todos os olhos!»

Sem esta viagem de Vasari, e sem este encontro com Julio Romano, estaria sempre persuadida toda Mantua, o duque, e o proprio Julio, que effectivamente aquella era o quadro dos dois artistas eminentes. Tal era a facilidade, mimo e poder do pincel de Del Sarto, e tal foi a astucia de Octaviano de Medicis para não privar Florença do seu mais precioso thesouro! Ardil que todavia mal poderia ter effeito, se não encontrasse um grande artista para o executar. JACINTO PERES.

O TORMENTO DOS REIS

(Fabula de Saadi)

Um rei fechou a carreira dos seus dias, sem deixar herdeiro; mas dispôz em testamento que a corôa fosse entregue ao primeiro individuo, que depois da sua morte entrasse na cidade. Apenas o rei expirou, entrou as portas um pobre lavrador, o qual foi immediatamente coroadado. Teve de sustentar guerras civis, e estrangeiras; teve de reanimar o commercio, de diminuir os tributos, de fazer florescer as artes e de prover na subsistencia do seu foro. Dentro de pouco tempo adquirio a necessaria instrucção, porque tinha o senso commum. Tudo lhe saio á medida dos seus desejos; porque, emfim, queria o bem; mas vivia cheio de cuidados e de inquietações. Um morador da sua aldeia veio visital-o, e lhe disse: — Graças sejam dadas a Deus incomparavel, e omnipotente, que vos levantou a tão alto grão de gloria, e de poder! — «Oh! meu amigo, lhe respondeu o rei, em vez de dar por isso graças a Deus, pede-lhe antes que me dê valor e paciencia. Compadece-te de mim, não me felicites: no meu primeiro estado eu soffria apenas as minhas precisões, e hoje estou soffrendo as precisões de cada um dos meus subditos.»

A SCIENCIA

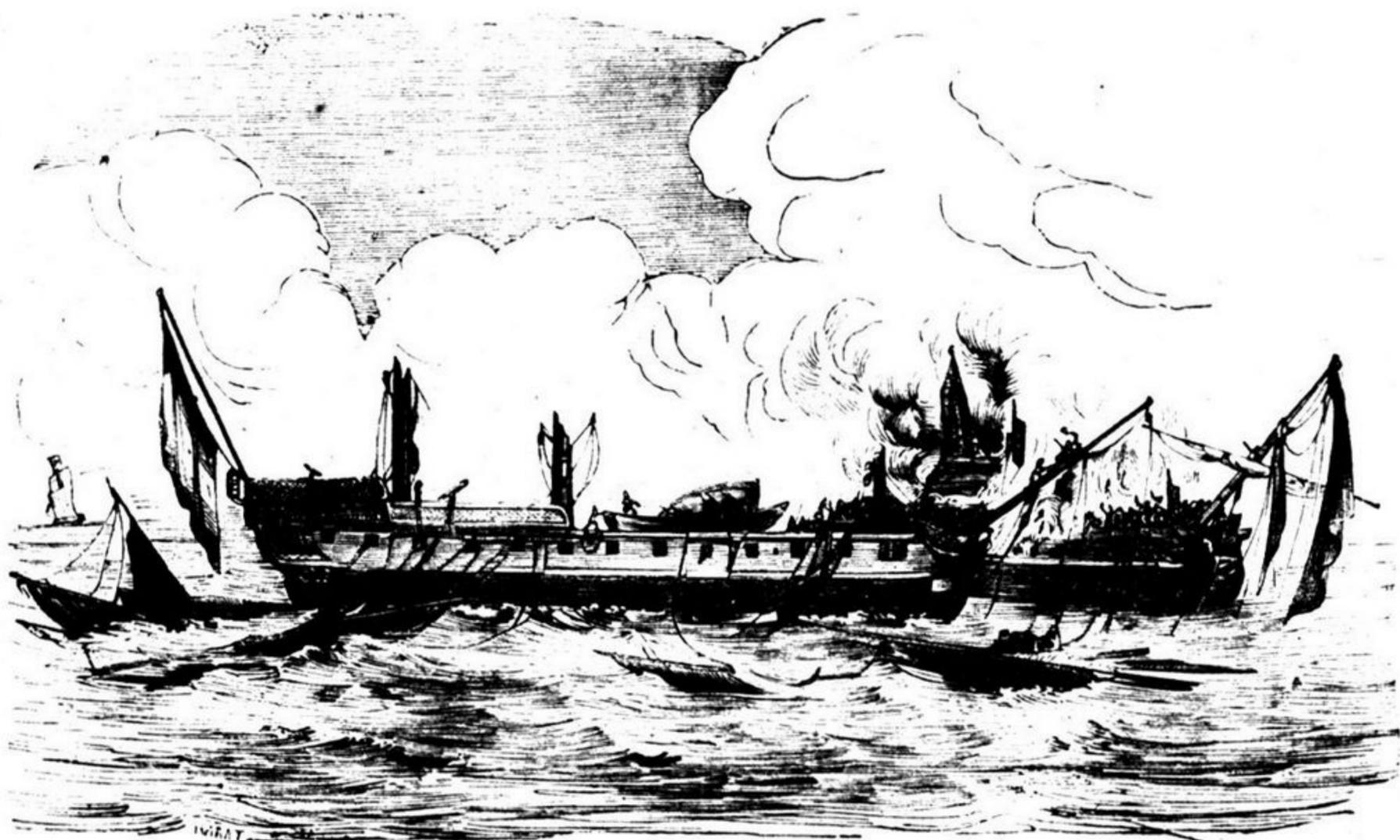
O fructo da demonstração é a sciencia. (Bosuet.)

A sciencia é um conhecimento adquirido por principios claros e evidentes. (Ozanam.)

A sciencia é o conhecimento arrasado da verdade.

Tudo que a nossa razão, por suas proprias forças ou com o auxilio dos sentidos pôde demonstrar, é a sciencia. (Geoffroy St. Hilaire.)

As sciencias entram umas nas outras... É preciso lembrarmo-nos que propriamente não ha mais que uma sciencia, e se nós conhecemos verdades que nos parecem desligadas umas das outras, é porque ignoramos o laço que as une n'um todo. (Condillac.)



Combate naval

UM EPISODIO MARITIMO EM 1793

João-Bom Santo André governava em Brest em nome da convenção nacional. A corveta a *Pastora* (*la Bergère*), esperava no ancoradouro que aprovesse ao representante do povo de designar qual o official a quem confiaria a missão secreta para a qual o navio tinha sido destinado. Muitos officiaes de marinha se tinham já disputado a honra de commandar a *Pastora*: mas, ou fosse que ao delegado da convenção não conviesse nenhum dos solicitadores, ou fosse que esperasse o regresso de algum seu protegido, o que é certo é, que a mysteriosa corveta esteve muitos dias sem commandante.

Uma noite, porém, em que rijo vento de nordeste proporcionava aos navios a partir occasião favoravel de se fazerem ao largo, sem risco de serem apercebidos pelos cruzeiros inglezes, João Bom, mandou chamar ao hotel de S. Pedro, um joven capitão de corsario, chegado havia pouco tempo e quasi incognito em Brest.

— Cidadão corsario, disse o representante ao maritimo, que fazes tu aqui?

— Cidadão representante, disse o corsario, eu faço aqui o que me apraz, pouco mais ou menos a mesma coisa como em todos os cantos e recantos do mundo aonde o acaso conduz o meu *palanquim*.

— E agradar-te-hia de commandar uma das corvetas da republica?

— Conforme; se as condições da republica e a corveta me convém...

— A graduação de tenente convir-te-hia?

— Ora! tenentes fazem-se hoje ás duzias!...

— E a graduação de capitão de fragata?

— Isso já vale um pouco mais, visto que capitães só se fazem ás meias duzias! e depois?

— Depois era preciso partir, esta noite mesmo,

a bordo da *Pastora*, para ir tomar conhecimento exacto das forças dos cruzeiros inglezes que podem contrariar a chegada do grande comboio que esperamos das Antilhas; e depois d'isto voltar o mais feliz e rapidamente possível. Disse-me que és um homem intelligente e resolutu?

— Disseram a verdade.

— Mas que a tua excessiva severidade para com os homens que serviram debaixo das tuas ordens na India, poderia, a bordo d'um navio armado por cidadãos, comprometter os interesses do serviço do estado.

— Disseram ainda a verdade, com a sua falsidade d'envolta. Mas attendendo á circumstancia especial, na qual te convém que me colloque, poderei adoçar um pouco, para os cidadãos marinheiros da republica, o vigor do seu temperamento e a dureza do commando ordinario.

— Disseram-me, que na India, te denominaram o — *Duro como couro*?

— Sim, mas n'isso quizeram lisongear-me, porque eu não sou *duro como couro* senão obrigado pelas circumstancias.

— E promettes-me de te conduzires a bordo da *Pastora*, com prudencia e civismo?

— Eu prometto sempre o que julgo bom de experimentar, e em seguida faço o que posso para cumprir o que tenho promettido.

— Qual é o teu verdadeiro nome?

— Cassardier; debes sabel-o já, tu que estás tão informado do que todos ignoram n'este porto, aonde cheguei ha apenas uma semana e aonde não renovei ainda relações com pessoa alguma.

— Cidadão Cassardier, eis aqui a tua nomeação e as minhas ordens. A corveta que vaes commandar espera-te no ancoradouro. A brisa é de feição; o tempo é precioso; a noite será curta. Adeus, boa viagem: saude e fraternidade.

— Cidadão representante, tens confiança em mim: o coração é solido; a missão é facil. Obrigado, cidadão representante! E por minha vez tambem... saude e respeito.

À meia noite estava o novo capitão sobre o tombadilho da *Rosa*, aonde um escaler da *Pastora*, por ordem do commissario convencional, foi receber para conduzir o commandante desconhecido e improvisado da corveta. Saltando para o tombadilho do seu navio, o capitão Cassardier pedio, com certa timidez, o que lhe não era habitual, para fallar com o cidadão tenente da *Pastora*.

O tenente apresentou-se ás ordens do seu commandante, e este disse-lhe n'um tom de voz o mais amavel que lhe foi possivel: «Cidadão, dignarte-has tu de me fazer reconhecer, em virtude dos poderes que a republica una e indivisivel me confiou, como commandante da corveta?»

— De boa vontade, cidadão commandante, mas qual é o teu nome e a tua graduação?

— Cassardier, capitão de fragata.

— É singular, não conhecia esse nome na lista da marinha. É verdade que hoje sobe-se tão depressa!...

— Que importa isso? basta que tu, mais tarde, aprendas a conhecê-lo no desempenho do seu serviço a bordo.

(Continua)

A SIMPLICIDADE É POR VEZES ELOQUENTE

(Logares parallelos nas litteraturas franceza e portugueza)

Ha n'estes nossos tempos uma tão vehemente disposição para remontar o estylo, e para dar á expressão do pensamento um tom altisonante, — que julgamos ser conveniente apresentar uns breves apontamentos de logares parallelos nas litteraturas franceza e portugueza, como amstras do bello effeito que muitas vezes produz no discurso a singeleza da locução.

Fiando mais da penetração dos leitores, do que da efficacia de longos arrasoados, ou de numerosos exemplos, diligenciarei limitar-me ao que fór indispensavel para conseguir o fim a que me proponho.

«O meu corpo vae perdendo as forças, e caminhando apressadamente para o termo fatal; está a concluir-se a minha carreira, e oxalá que eu pudesse accrescentar: *Tenho sempre sido fiel!*»

Quando leio, diz M. Villemain, esta carta que Bourdaloue escreveu ao seu superior, sinto-me impressionado, e profundamente commovido.

Quando leio, diz o mesmo douto critico, as palavras d'aquelle religioso, que, sendo perguntado: que havia elle feito no decurso da sua dilatada solidão, respondeu: *Cogitavi dies antiquos, et annos aeternos in mente habui*: (1) vejo abrir-se ante os meus olhos o infinito em toda a sua vasta immensidade. (2)

Tambem nas lettras portuguezas encontro passagens, dos nossos bons escriptores, que sobre-

(1) *Eu considerava nos dias antigos, e punha na mente os annos eternos.* — É esta a traducção, do padre Antonio Pereira de Figueiredo, do vers. 6.º do Psalmo 76.º

(2) *Cours de Littérature Française. Tableau da dix-huitième siècle.*

maneira me encantam pela simplicidade e singeleza da expressão, e precisamente no gosto das que ficam citadas.

O padre Antonio Vieira, estando em 1653 no Maranhão, e já no ultimo quartel da vida, escrevia ao padre Francisco de Moraes, seu grande amigo e condiscipulo, estes magoados suspiros, exprimindo-se com uma ingenuidade admiravel:

«Ando vestido de um panno grosseiro cá da terra, mais pardo que preto,... durmo pouco, trabalho de pola manhã até á noite, gasto parte d'ella em me encommendar a Deos, não trato com minima creatura, não sayo fóra senão a remedio de alguma alma. Choro meus peccados, faco que outros chorem os seus, e o tempo que sobeja d'estas occupações, levão-no os livros da Madre Theresa, e outros de semelhante leitura.»

Ainda um homem que vive no bullicio do mundo, e é de todo ponto estranho a tendencias mysticas, se sente commovido, ao escutar o singelo desafogo de um velho, que no cabo da sua peregrinação só trata de entreter-se com Deus. Mas o enternecimento sóbe de ponto, quando aquelle mesmo velho rompe n'estas sentidas vozes, tão repassadas de desengano:

«Amémos a Deos, amigo, e para o amarmos só a elle, conhecerémos, que pouco merecem nosso coração todas as cousas do Mundo. Todos acabão, nenhum tem firmeza... Ah amigo, quem poderá trasladar-vos aqui o coração, para que lésseis nelle as mais puras, e as mais importantes verdades não só escriptas ou impressas, senão gravadas! Salvação, amigo, salvação, que tudo o mais he loucura.» (3)

— No anno de 1576 foi celebrado, na cidade do Porto, o capitulo provincial da Ordem de S. Domingos. Regia então a Igreja Bracarense o insigne arcebispo D. Fr. Bartholomeu dos Martyres, e como filho que tinha sido d'aquelle religião foi convidado para assistir ao mesmo Concilio, e abrilhantar com a sua presença um tão solemne acto. O arcebispo aceitou o convite, veio ao Porto, e instado para subir ao pulpito, prestou-se condescendente a desempenhar o encargo da prégação.

O exordio do seu discurso tornou-se grandemente notavel pela singeleza da expressão, pela simplicidade da phrase, pelo ingenuo do pensamento. Não creio que litteratura alguma possa apresentar um modelo mais perfeito de insinuante eloquencia, de brando e mavioso dizer, de affectuosa e desaffectedada expansão de sentimentos. Escutae as palavras com que deu principio ao sermão:

— Minha mãy, que he a Ordem de S. Domingos, me mandou vir a esta cidade, dizendo que me que me queria ver; e eu, como filho obediente que muyto lhe quero, e me honro muyto de a ter por mãy, acudí logo a seu chamado, que tambem vivia com grandes saudades della. =

Pedia o caso algumas palavras de louvor aos doutos religiosos reunidos em capitulo, — e o avisado orador apressou-se em as proferir:

— Dou mytas graças a nosso Senhor que a acho em myto boa disposição, muito bem asombrada, e rodeada de tantos e tão honrados

(3) *Cartas do Padre Antonio Vieira, da Companhia de Jesus. Tomo 3.º Lisboa. 1746. — Carta 2.ª*

filhos como vêdes: huns insignes em letras, outros em letras e pulpito, todos em virtude, e taes que confesso não me atrevia a subir a este lugar, porque estando tão bem aforado, como tendes estes dias visto, arreceava que perdêsse por mim, o que por elles tem ganhado. =

Não era possível louvar com maior discrição, nem inculcar mais apropriadamente a modestia de um ancião sisudo. Venha agora a declaração da obediencia, e um toque do genero da pregação que vae fazer:

= Mas mandou-me minha boa mãy. Assi velho, e acabado, e entregue de todo a outros exercicios muyto differentes, diz que me quer ouvir, não só vêr: obedeço como filho. A rasão péde que não espereis de mim subtilezas de conceitos, nem pontos delicados. Sou velho, e velhos são máos de tirar de seus costumes. Não vos hei de prégar senão como lá costume nas minhas visitasões ás velhinhas, e homens do monte. = (4)

Leámos uma e muitas vezes estes e outros exemplos, admiraveis pela singeleza na expressão do pensamento. Fujámos do esforço de phrase, que fatiga o leitor, e da affectação, que desagrade e enjoa. Dêmos inteiramente de mão ao estylo bombástico e guindado, inimigo irreconciliavel da lucidez que o espirito folga de encontrar no discurso pronunciado ou escripto. Affeioêmo-nos á simplicidade, lembrando-nos de que não é ella incompativel com a grandeza dos pensamentos, antes sim péde encerrar conceitos nobres e até sublimes. *Il naturale é sempre bello*, dizem os italianos,—e assim dizem a rasão e o bom gosto.

JOSÉ SILVESTRE RIBEIRO.

AS SERPENTES NA AUSTRALIA

A maior parte dos individuos, que procuram esse novo mundo chamado a Australia, quando ali chegam, impressionados pelas narrações dos viajantes, mostram sempre grande receio das serpentes, que, diga-se a verdade, n'aquellas paragens são muito venenosas, mas que, afinal, poucas victimas têm feito.

A Australia não conhece as serpentes de campainhas; as especies mais communs são negras ou pardas; têm de grossura doze a quatorze pollegadas, e de comprimento doze a quatorze pés. As mais pequenas são consideradas mais venenosas que as grandes; comtudo, a mordedura d'estas tem já causado a morte a algumas pessoas.

As serpentes australianas differem sensivelmente das dos outros paizes. Estes reptis affeioam-se ordinariamente a certas localidades, onde, apesar de todas as precauções, corre sempre grande perigo o individuo que se approximar das montanhas, ou se assentar no tronco d'uma arvore. Conta-se d'um caçador que, se bem que marchasse com extrema prudencia, esteve por duas vezes, na mesma manhã, prestes a pôr o pé sobre uma

enorme serpente parda, ao passar por cima d'uma arvore caída. Perto de George's River, nas proximidades d'um pantano, mataram em um dia doze d'estes animaes.

A especie maior que ali se encontra é a *boa*, que os colonos chamam *serpente-diamante*, por causa das manchas que tem por toda a pelle; este nome, comtudo, differe, segundo as localidades e variedades da especie. Conta-se, a respeito desta serpente, a seguinte anecdota, que faz honra á intrepidez d'uma criança de dez annos. Brincando perto d'um lago, vio uma grande serpente diamante na cova d'uma arvore desarraigada. A occasião pareceu-lhe favoravel para offerecer a seu irmão, estudante de medicina em Edimburgo, um objecto curioso de historia natural. Como a cabeça do reptil repousava na terra, foi, sem hesitação, cortar um ramo de arvore e aguçou-o n'uma das extremidades. O seu fim era de atravessar o pescoço da serpente, e prendel-a ao solo, para assim a poder degolar sem grande perigo, e não lhe damnificar a pelle. Avançou cauteloso, e a principio tudo saio bem: o páo, sendo longo, forte e bastante agudo, poudo conter a cabeça da serpente; mas faltava o mais difficil. Apesar de todos os seus esforços, o reptil conseguira agarrar uma das pernas da creança; esta medindo então a força do seu inimigo, comprehendeu que o unico meio de salvação estava em feril-o com a faca por toda a parte do corpo, sem lhe importar a pelle. Passados alguns minutos d'uma lucta obstinada, conseguiu cortar a parte que lhe prendia a perna, e tirou o páo da primeira ferida da serpente, a qual sentindo-se livre, procurou fugir. Mas a criança não estava resolvida a perder o fructo da victoria; a pauladas acabou de a matar. Este reptil tinha mais de dez pés de comprimento.

Não é só nos mattos; nas grandes cidades se anda exposto, porque as serpentes para ali vão entre a lenha. Um habitante de Sydney, mesmo no pateo de sua casa, perdeu um bellissimo cão. Outra vez, um homem que conduzia madeira, necessitou de toda a sua presença de espirito para escapar a um perigo certo. Collocára ás costas um grande fragmento de tronco de arvore, quando uma serpente lhe toca no rosto. O pobre diabo largou immediatamente a carga, e procurou o reptil; mas ficou admirado de não encontrar o mais leve vestigio. Lembra-se que lhe poderia ter entrado na algibeira das calças. Tremia de o ver sair; mas, tomando coragem, tirou o cinto, deixou cair lentamente as calças, e, agarrando-as pela parte inferior, sacudio-as contra o solo, até que conseguiu esmagar a serpente.

Ha outra especie de serpente, muito venenosa, que recebeu o nome de *serpente-tapete*, pela disposição das variadas côres da pelle. Um dia, n'uma quinta, um proprietario, que subira a um pecegueiro para colher fructos, deixou-se cair aterrado pela presença inesperada d'uma d'estas serpentes, que se occultava entre as folhas, e a qual immediatamente foi morta. Outra, do mesmo gene-

(4) *Vida de D. Fr. Bartholomeu dos Martyres*. Livro 4.º cap. IX.

ro, foi tambem morta, atravessando o Nepean. (1) Se, d'este ultimo facto, se induzisse que estes reptis são dotados da faculdade de nadar, veriamos rectificado um bom numero de erros a respeito d'essas famosas serpentes d'agua, de que tanto se tem fallado, e que, na realidade, não passariam de simples serpentes da terra; e isso pareceria tanto mais fundado, quanto é certo que as margens dos rios, e, sobretudo, das pequenas bahias são para estes animaes um refugio habitual contra o calor.

Ainda que na Australia não ha serpentes inoffensivas, como as que nas Indias Orientaes penetram nas habitações, é, todavia, certo, que nem todas são perigosas. Algumas pessoas, caçando um dia nos bosques, uma d'ellas foi mordida por uma serpente, que um negro indigena, que as acompanhava, felizmente vio antes d'ella se ter evadido. O ferido, julgando chegada a sua ultima hora, dispunha-se para escrever á pressa algumas disposições testamentarias; mas o negro, na sua linguagem creoula, assegurou que a mordedura não era de perigo: que apenas appareceria uma mancha amarella. E, effectivamente, assim aconteceu, ou fosse pela acção do medo sobre o figado e a bilis, ou pela do virus; mas não morreu.

Em Windsor (2) vio-se outro negro curar por meio da sucção a mordedura d'uma serpente. O ferido trabalhava só no campo: quiz recolher-se á cidade d'onde estava proximo; mas as forças faltaram-lhe; caio e foi encontrado na estrada, procurando em vão arrastar-se para um lugar onde houvesse agua, afim de saciar a sede que o devorava. Conduziram-no á cidade, e mandaram chamar o nosso bom negro. Este, primeiramente emperligou-se, tomou uns certos ares de importancia, para fazer realçar a sua sciencia, e pediu s.l.; encheu a boca e chupou por muito tempo a ferida, fazendo com que o paciente soffresse as mais crueis dores; depois, exigindo que o deixassem só, dirigio-se rapidamente ao lugar onde o homem fôra mordido. Seguiram-no, apesar d'elle haver pedido o contrario, e ali viram-no escarrar com força e entregar-se a contorsões de maniac. No fim d'um quarto de hora, correu a toda a pressa, dizendo que não tinha ainda concluido; tornou a chupar, e novamente se afastou; emfim, meia hora depois, voltou, andando muito tranquillo, e respondendo pela vida do doente, que, effectivamente, recobrou a saude.

Algumas das pequenas especies de serpentes são verdadeiramente encantadoras. Um dia, miss. B., que habitava a algumas milhas de distancia de Sydney, julgou ver em uma das aleas do seu jardim um novedio em espiral e todo coberto de musgo ricamente matisado; apanhou-o para examinal-o de mais perto; era uma serpente pequena das mais venenosas; por fortuna, pegou-lhe com tanta delicadeza, que o reptil poude facilmente escorregar-lhe pelos dedos; miss. B. que-

ria conserval-a, mas o seu jardineiro matou-a desapiadadamente com uma enxada.

A mesma senhora, foi testemunha, por outra vez, d'um effeito terrivel de fascinação. Passeiava com uma sua amiga em um pequeno bosque, que as obrigava a separarem-se a miudo. De repente, miss. B. acha-se só; volta-se e vê a sua companheira parada, sem fazer o mais leve movimento; chama-a, não obtem resposta; aproxima-se, e começa a inquietar-se seriamente do estado da sua amiga, a qual, com a mão esquerda apoiada sobre um arbusto, estendia a outra para diante, como que para repellir um objecto que a horrorisava; o corpo, immovel, estava levemente inclinado para traz, emquanto que a cabeça se inclinava para diante; tinha os olhos fixos, dilatados, a boca aberta; parecia não poder respirar. Miss. B. chama ainda uma vez, mas em vão; olha na direcção dos olhos, e nada vê. Aproxima-se mais, e o susto apodera-se tambem d'ella. No solo, a alguns metros de distancia, estava uma enorme serpente enrolada, levantando a hedionda cabeça, prestes a lançar-se sobre a victima; nos olhos do reptil brilhava uma alegria infernal: miss. A., como que impellida por uma força irresistivel, deu um passo para a serpente; este movimento involuntario salvou-a; miss. B. saindo do estado de entorpecimento em que caíra, agarrou-lhe no braço, e dando um grito penetrante, poz em fuga o reptil; miss. A. caio recobrando os sentidos, e recebeu promptos soccorros da habitação, que, felizmente, estava proxima. Miss. B., dizia muitas vezes, que a sua amiga, admiravelmente bella, n'aquelle momento fatal, seria um magnifico modelo para um artista de genio.

Opportunamente voltaremos ao assumpto.

Os hespanhoes que estiveram em Taite, no intervallo da segunda á terceira viagem do capitão Cook, plantaram ali uma videira. Retirando-se para a Europa, o arbusto foi respeitado pelos indigenas, e cobrio se de numerosos cachos. Quando a uva pareceu ter attingido todo o seu desenvolvimento, embora estivesse perfeitamente verde, os principaes chefes juntaram-se gravemente em torno da cepa, provaram o fructo e declararam unanimemente que, se não era um veneno, pelo menos era uma cousa detestavel. Depois d'este admiravel juizo, pisaram a pés a desgraçada vinha, ficando muito ufanos da sua obra. Contudo, vegetava ainda a pobre cepa quando o capitão Cook voltou a Taite. A tripulação descobriu-a por acaso, e constando-lhe o procedimento dos indigenas, procuraram immediatamente convencel-os de que era um fructo excellente, do qual poderiam tirar um grande resultado, com tanto que o deixassem amadurecer.

MODO DE LIMPAR QUADROS

Junte-se sufficiente quantidade de vinho, segundo o tamanho do quadro, a uma porção de cinzas de vide e misturado que seja esfregue-se o quadro com uma esponja molhada neste mixto.

(1) Rio da Australia, que, reunido ao Grose, forma o Hawkesbury, rio principal do condado de Cumberland.

(2) Cidade da Australia, no condado de Cumberland.